

O mestre morreu. Viva o novo mestre.

Jorge das Graças Veloso
Programa de Pós-Graduação em Artes VIS/IdA – UnB.
Professor Adjunto – Doutor em Artes Cênicas – UFBA.
Ator, diretor, dramaturgo, professor/UnB.

Resumo: Estudo sobre os mecanismos de renovação e permanência dos grupos de Folias do Divino no entorno goiano do Distrito Federal, inclusive com o surgimento, anualmente, de novos cortejos. Em 2009 foi criada a Folia da Fazenda Choramar, no município de Santo Antônio do Descoberto, a 60 km de Brasília, com a presença de aproximadamente 50 cavaleiros, número que passou de 130 este ano. As principais características observadas no crescimento desse contingente foram as trocas intergeracionais, com a presença marcante de crianças e adolescentes em funções de destaque no giro. Com isso, a despeito dos discursos modernistas que cercam a capital federal, as tradições existentes antes de sua inauguração, ao invés de desaparecerem, tendem a, cada vez mais, se consolidarem e a se renovarem.

Palavras-chave: Etnocologia, Folias do Divino, Ritos espetaculares.

É muito recorrente, em rodas de debates sobre manifestações tradicionais brasileiras, a idéia de que existiria uma tendência ao desaparecimento de algumas dessas práticas, o que se daria, principalmente, pela dificuldade de renovação de seus participantes. Segundo essa crença, com o envelhecimento e morte dos antigos praticantes, com a urbanização da população, e com os apelos de uma mídia a cada dia mais definidora dos costumes, tornar-se-ia inevitável a perda, no meio rural, e em pequenas comunidades, de vários ritos espetaculares, principalmente aqueles aparentados de crenças religiosas. Nesse grupo estariam localizadas, dentre várias outras, as coroações de Reis de Congo, caretadas, catiras e folias. Entretanto, o que tenho verificado, a partir de pesquisas sobre as Folias do Divino, no entorno goiano do Distrito Federal, é exatamente um movimento que se dá na contramão desses temores.

Até muito pouco tempo atrás, nas ambiências de maior visibilidade acadêmica, midiática e intelectual, a preocupação com a preservação da memória, no Brasil, se restringia à manutenção, mesmo que precária, de bens materiais com ênfase na permanência do objeto, do mobiliário ou de construções imóveis. Entretanto, a partir do estabelecimento do que se convencionou chamar de movimento de retraditionalização¹, é

¹ Este é um termo que vem sendo utilizado, desde inícios da década de 90, para designar o que seria um movimento de ganho de visibilidade, em meios urbanos, de práticas inseridas na chamada cultura tradicional, notadamente entre jovens artistas, intelectuais e meios acadêmicos. Muitas das celebrações aqui consideradas, até então eram vistas como modos de vida de raízes de regiões distantes, como, por exemplo, Norte, Nordeste e sertões de Minas Gerais e Goiás (TRAVASSOS, 2004).

possível se perceber algo de diferente. Numa aproximação de ideários de outras culturas, notadamente grupos orientais, ameríndios e africanos, onde “o que importa não é a permanência da coisa, mas a preservação do saber” (SANT’ANNA, 2001, pp. 152-153), essa busca se desloca também para o chamado Patrimônio Imaterial. Ações e políticas culturais estatais e de grupos, ONGs, meios de comunicação e indivíduos, intelectuais, acadêmicos, artistas e pesquisadores de várias ordens, levaram inclusive à criação de leis voltadas para esse universo, como, por exemplo, o Decreto nº. 3551, de 2000, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro.

Assim, com a visibilidade que tem adquirido, notadamente nas duas últimas décadas, manifestações como procissões de fogaréu, cavalhadas, desfiles de carros de bois e, principalmente, as folias do Divino, falando somente de regiões próximas ao Distrito Federal, o que se percebe é uma renovação constante dos praticantes desses rituais, inclusive com o surgimento de vários novos mestres (Figura 1).



Figura 1 – Johnny, 22 anos, novo mestre-guia de Folia, seguidor do falecido mestre Eurico

Mas o que caracterizaria um novo mestre, principalmente quando nos referimos a jovens e adolescentes? Ora, se mestre é aquele que, por seus domínios sobre os saberes e fazeres do grupo, é reconhecido por seus pares, naturalmente é legitimado como tal aquele que o grupo assim denomina. Se, no cortejo de foliões, um adolescente assume o papel de fazer parte dos “cantorios”, enquanto a função estiver sendo exercida, ele será respeitado como mestre-guia, ou contra-guia, ou mestre-caixeiro, e assim por diante.

Então, em encontros de trocas geracionais, velhos senhores, ocupantes de verdadeiros lugares de poder institucional nos grupos, têm sido testemunhas de uma constante aproximação de crianças e adolescentes, interessados em aprender seus saberes e fazeres, muitos deles relacionados a uma fé religiosa aparentemente distante do universo no qual eles, esses jovens, estão inseridos. Numa época marcada por convivências tribais urbanas, é surpreendente a quantidade de novos participantes dessas manifestações

tradicionais. Como pode ser constatado, por exemplo, na Folia do Divino da Fazenda Choramar, no meio rural de Santo Antônio do Descoberto, a 60 km de Brasília.

Em julho de 2009, em pagamento de um voto por uma graça recebida, relacionada a um problema de saúde que vinha enfrentando havia alguns meses, o Sr. Antonio Geraldo, proprietário da fazenda, convidou alguns foliões com os quais convivia na Folia de Roça do Novo Gama, e tirou um giro de quatro dias e três pousos em sítios próximos. Contando com a presença de aproximadamente cinquenta cavaleiros, ele pensava que, com a promessa cumprida, não voltaria a fazer o cortejo. Convicção que teria se consolidado com o falecimento, em Janeiro de 2010, do mestre guia Eurico Francisco Ribeiro, aos 85 anos de idade.

No meio do ano, entretanto, sentindo-se convocado pelo Divino Espírito Santo, em sonhos e orações, o Sr. Geraldo decidiu novamente promover o giro, quando foi surpreendido com a presença de mais de 130 foliões, dentre os quais um número muito elevado de pessoas nessa faixa etária dos ainda adolescentes, na execução de funções oficiais tais como guia, contra-guia, caixeiro, violonista, pandeireiro e catireiros (Figuras 2, 3 e 4).



Figura 2 – Mestre violeiro



Figura 3 – Novos foliões



Figura 4 – Novos foliões

Se compreendermos o que determina que alguém possa ser considerado como mestre, resta-nos a busca de entendimento sobre as razões que levam um número tão considerável de meninos e meninas a buscar participação em manifestações tais como as folias. O que pode ser detectado durante os giros é que, mesmo tendo uma aproximação muito grande dos mais velhos, em busca de aprendizagem dos fazeres relacionados a suas práticas, quando observamos um pouco mais apuradamente os comportamentos desses “novos mestres”, o que percebemos é uma diferença considerável no que diz respeito às motivações para estarem no grupo. Raramente os encontramos nos espaços destinados às orações mais próximas das religiosidades tradicionais como, por exemplo, na hora do terço ou a ladainha cantada.

Por outro lado, ao se observar as práticas mais voltadas para aquilo que consideramos, no âmbito da etnocologia, como espetacularidade, em que aparece uma consciência clara e objetiva da presença do olhar do outro, para apreciar a alteridade (BIÃO, 1999) isso é cada vez mais recorrente. Assim, esse novo contingente, que não reza diante do altar durante o terço, faz as cantorias e as evoluções de chegada e saída dos pousos e dos giros diurnos.

O que conjeturo é que essa espetacularidade aproxima pessoas diferentes, que muitas vezes habitam ambientes físicos e culturais distintos, além da diversidade de gerações presentes aos eventos. E que vem também se restabelecendo no meio de nossa sociedade um reconhecimento da função religiosa de “estar juntos”, num sentido mais largo do termo, para o chamado “reencantamento do mundo”. Principalmente na relação com o papel exercido para isso pelas imagens e suas simbolizações, no caso, as representações vinculadas ao cortejo da bandeira e seus seguidores. E é então, por isso, que esse novo mestre, ou simplesmente o novo participante do giro, passa a dar o tratamento religioso que ele dedica às suas práticas, principalmente aquelas voltadas para as ambiências sociais

proporcionadas pelo encontro com os outros foliões, em que busca se inserir cada vez mais. E que também acaba por aproximá-los daquele outro sentido de *homo religiosus*, em que as práticas de si voltadas para o “estar juntos”, aqui/agora, tomam a mesma função orgiástica do estado de beatitude do homem das igrejas.

A compreensão que tínhamos, anteriormente, era a de que este sentido de *religare* era a “relição ao ser original”, ou a Deus, em outras palavras. Hoje, porém, passa a ser algo mais complexa a leitura que podemos fazer deste termo: é a relição ao outro por várias representações simbólicas, desde as religiões propriamente ditas, as imagens e rituais católicos, os cultos protestantes, os candomblés ou diversas formas de totemização, até outras mediações mais contemporâneas. O que pode se dar por uma imaginária relacionada a visualidades, concretas ou não, e a práticas e comportamentos que abrem possibilidades de convivências sociais baseadas naquele sentido de estar juntos, sempre verbalizado pelos participantes das folias.

Assim, a constatação da qual mais me aproximo, quando analiso as trocas geracionais presentes nos cortejos rogatórios, votivos e precatórios, dedicados ao Divino Espírito Santo, é que existe algo mais que qualquer busca de preservação de um ritual cuja existência se prolonga por séculos. As trocas simbólicas voltadas às práticas de si nas convivências aparentadas das tribos urbanas de hoje, são as objetivações mais visíveis entre os novos participantes. Aí incluídas, nesses comportamentos, as (re)significações dos fazeres religiosos em teatralidades, que se aproximam cada vez mais da espetacularidade, dos corpos em estado alterado, para serem, deliberadamente, percebidos pelo conjunto de espectadores à sua volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIÃO, Armindo. Aspectos epistemológicos e metodológicos da etnocenologia: por uma Cenologia Geral. In: *Memória ABRACE I: Anais do I Congresso Brasileiro de Pesquisa e pós-graduação em Artes Cênicas*, Salvador: UFBA, 1999; p. 364 – 367.

SANT’ANNA, Márcia. Patrimônio imaterial do conceito ao problema da proteção. In: *Revista Tempo Brasileiro*, out.-dez. nº 147 – Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2001.

TRAVASSOS, Elizabeth. Recriações contemporâneas dos folguedos tradicionais: a performance como modo de conhecimento da cultura popular. In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C. et al (org.). *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília: ICS-UnB, 2004.